

EXPERIÊNCIA INCLUSIVA DE UM ALUNO COM TEA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO

Fabyana Soares de Oliveira (1); Ana Aparecida Tavares da Silveira (1); Sára Maria Pinheiro Peixoto (2); Marcilene França da Silva Tabosa (3); Maria Aparecida Dias (4)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGED/UFRN)

E-mail: fabyanaoliv@yahoo.com.br

Resumo: O espaço escolar enquanto meio de produção e significação de saberes, deve oportunizar a participação de todos os educandos, a partir da perspectiva de uma educação inclusiva, oportunizando a quebra de paradigmas construídos que não incluem e respeitam a diversidade de todos os educandos, para que assim, possibilite a construção do saber através das mais diversas formas de expressão e aprendizagem, aceitando as heterogeneidade e especificidades de cada um. O presente trabalho é um estudo de caso que tem como objetivo geral analisar e intervir nas aulas de Educação Física em busca da participação efetiva de um aluno com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) no processo de ensino e aprendizagem e como objetivos específicos, identificar o comportamento do aluno com TEA em sala de aula com os demais alunos e buscar estratégias para estimular o interesse em participar das aulas de Educação Física. Concluímos que através das aulas inclusivas visando a participação de todos, percebemos que por meio do diálogo, do incentivo a participação, da estimulação e das provocações realizadas durante as aulas de Educação Física, contribuimos para o desenvolvimento de Azul, respeitando suas especificidades e acreditando na sua potencialidade.

Palavras-chaves: Educação Física, inclusão, prática pedagógica, Transtorno do Espectro Autista.

Introdução

O espaço escolar enquanto meio de produção e significação de saberes, deve oportunizar a participação de todos os educandos, a partir da perspectiva de uma educação inclusiva. Para que isto aconteça é necessário que a prática pedagógica considere a diversidade, as especificidades e subjetividade dos alunos, possibilitando o diálogo entre educador e educando.



Considerando o processo de ensino e aprendizagem, Lima (2010) enfatiza que enquanto educador temos como um dos direcionamentos desvendar possibilidades sem se prender nos possíveis obstáculos que poderá encontrar durante a ação pedagógica, com a busca do conhecimento por parte do aluno para que possa explorar e assimilar o mundo em que faz parte, e assim, expressar-se durante o processo.

Desta maneira, o fazer pedagógico quando possibilita o aluno, em específico aqueles com deficiência, a galgar pelo caminho que possui diversas estratégias de aprendizagem, faz com que o saber seja construído por meio da participação ativa do aluno, seja ele com ou sem deficiência.

Araújo (2009, p. 146) aponta que:

[...] a escola como um espaço de embates de ideias, onde a partir da reflexão, questionamentos e intercâmbio, o sujeito pode atuar de forma crítica, reflexiva e consciente na sociedade. Para tanto, o professor precisa criar situações em sala de aula onde se desenvolvam as competências necessárias para o desenvolvimento da consciência crítica dos alunos, culminando, desse modo, para a escola enquanto agente de mudanças e formadora do sujeito/cidadão.

Sendo assim, por meio da mediação do professor é possível buscar caminhos durante as ações educacionais que contribuam na formação de todos os sujeitos, todavia, alguns aspectos não colaboram para a efetivação das propostas do ensino inclusivo, limitando então, a efetiva participação de todos na construção do saber. Segundo Rodrigues e Freitas (2011), ainda vemos a configuração da educação sistematizada por preceitos homogeneizados da aprendizagem e envolvimento, o que desconsidera as possibilidades de identificar e investir na potencialização de cada indivíduo.

Fazendo um recorte dos alunos com deficiência e em específico aqueles com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), de acordo com Machado (2001), o autista possui alterações no desenvolvimento cognitivo, social e comportamental, no qual afeta também a linguagem e a comunicação verbal e não verbal do indivíduo, o que implica na reciprocidade durante a interação social.

Dessa maneira, eles necessitam de uma mediação maior e é através do diálogo com o educando que devemos traçar estratégias que permitam a inserção no processo de ensino e aprendizagem. Porém, com o olhar sobre a educação destacado acima por

Rodrigues e Freitas (2011), é um fator que não busca a identificação das potencialidades de cada um, tendo em vista a diversidade e heterogeneidade presente no âmbito escolar, no qual o que deveria ser inclusivo torna-se excludente.

Em conformidade com Mantoan (2006, p. 186):

[...] a escola não pode continuar ignorando o que acontece a seu redor, anulando e marginalizando as diferenças nos processos por meio dos quais forma e instrui os alunos. E muito menos desconhecer que aprender implica saber expressar, dos mais variados modos, o que sabemos. Implica representar o mundo, com base em nossas origens, valores, sentimentos.

À vista disso, a escola como espaço de aprendizagem, deve oportunizar a quebra de paradigmas construídos que não incluem e respeitam a diversidade de todos os educandos, para que assim, possibilite a construção do saber através das mais diversas formas de expressão e aprendizagem, aceitando as heterogeneidade e especificidades de cada um.

O interesse pelo desenvolvimento deste trabalho surgiu em decorrência da percepção em relação a interação entre os alunos no âmbito escolar, no qual este espaço não estava proporcionando a efetiva inclusão dos alunos com deficiência juntamente com os demais. No caso de Azul (cor utilizada para referir-se ao aluno, como forma de preservar o seu anonimato), aluno com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), era conhecido pelos outros como especial e incapaz de participar do processo de ensino e aprendizagem. Então, diante destas observações buscamos através das aulas de Educação Física estabelecer o respeito e as possibilidades de aulas inclusivas que fizesse Azul ter a vontade de participar e envolver-se durante o fazer pedagógico.

Diante disso, tivemos como objetivo geral analisar e intervir nas aulas de Educação Física em busca da participação efetiva de um aluno com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) no processo de ensino e aprendizagem. Como objetivos específicos, pontuamos os seguintes:

- Identificar o comportamento do aluno com TEA em sala de aula com os demais alunos;
- Buscar estratégias para estimular o interesse em participar das aulas de Educação Física.

Metodologia

O presente trabalho é de caráter qualitativo e descritivo. Segundo Richardson (2008), o método qualitativo se caracteriza pela compreensão dos fenômenos sociais, destacando o comportamento dos indivíduos, os procedimentos vivenciados e a análise das possíveis circunstâncias. Enquanto o estudo descritivo é caracterizado pelo propósito de descrever as particularidades do fenômeno.

Tem como método de pesquisa o estudo de caso, no qual de acordo com Yin (2001, p. 32) “[...] é uma investigação empírica que: investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Por meio deste método buscaremos aprofundar em um determinado fenômeno individual.

Foi desenvolvido durante o ano de 2017 em uma escola da rede municipal de Ceará-Mirim, que atua com o ensino fundamental dos anos iniciais (1º ao 3º ano), destacando mais especificamente, as experiências vividas por um aluno com TEA (com nove anos) do terceiro ano do ensino fundamental, nas aulas de Educação Física.

Resultados e Discussão: Experiência com um aluno com TEA nas aulas de Educação Física

Destacaremos alguns relatos das experiências com Azul, um menino de nove anos matriculado no terceiro ano do ensino fundamental das series iniciais, que possui o TEA, mais conhecido como autismo.

Tudo inicia com o primeiro contato com Azul, no qual fomos descobrindo por meio de conversas com os alunos, as turmas que tinha deficientes e quais deficiências, pois essa informação não foi passada pela gestão escolar, talvez pelo fato de ser professora de Educação Física e estarem acostumados a realizar uma atividade diferenciada para alguns alunos com deficiência que não conseguiam acompanhar as atividades propostas por outros professores em anos anteriores, como afirmou alguns funcionários da escola. Diante da falta de informação e da busca pela inclusão de todo e qualquer aluno em nossas aulas, começamos a observar e fazer o diagnóstico inicial de cada turma.



Percebemos também durante esse primeiro contato com a turma que os demais alunos ainda estavam sem entender determinadas atitudes de Azul, havendo o estranhamento por parte de alguns integrantes, enquanto Azul não expressava nenhum interesse de interação social.

Durante toda a semana Azul ao chegar na escola não passava muito tempo em sua sala, andava pela escola e até entrava em outras salas e um dos fatores que contribuía para isso é que em sua sala a professora fechava a porta na chave para evitar que saísse, fazendo com que permanecesse mais tempo naquele espaço, porém aquela atitude só lhe deixava mais agitado, agressivo e com o interesse de sair, diferente das outras salas que ele tinha autonomia pra entrar e sair. Ancorados em Lima e Lima (2009, p. 108) que destacam o seguinte:

[...] Assumir que esses alunos não podem de fato ensinar ao professor é praticar barreiras atitudinais historicamente produzidas que limitam e mesmo impedem esses alunos de galgar os níveis mais superiores da educação formal e de sua completude, enquanto cidadãos plenos e humanos.

Deste modo, nós professores devemos estar abertos ao diálogo e às trocas de aprendizagens, em que tanto o professor como o aluno aprendem e conseguem resultados mais exitosos, com a execução de estratégias de ensino que permitam alcançar progressos no desenvolvimento.

Em outra ocasião, nas aulas de Educação Física, por ser em grande maioria fora da sala de aula, ele sempre estava presente, se envolvia da sua forma e era perceptível o seu interesse pelas atividades de correr, em que todos os alunos movimentavam-se pelo espaço, e enquanto professora buscávamos sempre a participação dele, estimulando e motivando-o a se envolver ativamente no processo de ensino e aprendizagem.

Em um momento das aulas de Educação Física de sua turma, no qual um dos materiais utilizados foi a bola, ele olhou pra bola, chegou perto dela e chutou, essa foi a primeira vez que presenciei ele chutando uma bola e realizando o movimento com habilidade. Ao ver essa ação, em busca de estimular ainda mais o interesse por este material, jogamos a bola para perto dele e sua reação foi não responder a essa atitude. Continuamos observando, em seguida ele voltou, deitou por cima da bola e depois chutou

novamente. Diante da ação do educando, podemos fazer a relação com o que Lima e Lima (2009, p. 107) destacam:

[...] recorra ao maior especialista que você tem à frente para lhe ensinar como o aluno com deficiência aprende: o próprio aluno com deficiência. Só ele poderá lhe ensinar como ele aprende, como gosta de aprender; como você e ele podem fazer do processo de ensino e aprendizagem uma experiência rica para ambos.

Os autores ainda acrescentam que “[...] para o aluno aprender, primeiro, deve o professor permitir-se ser ensinado pelo aluno” (2009, p. 107). Dessa maneira, percebemos o quanto é importante estabelecer o diálogo com cada educando e está aberto para as trocas de ensino e aprendizagem que pode ser estabelecida entre o professor e o aluno com deficiência, através do respeito as diferenças e especificidades de cada um.

Durante aulas de Educação Física realizadas com outras turmas, muitas das vezes Azul estava por lá, em um desses momentos os alunos estavam correndo e ele também se envolveu na atividade, quando de repente vários alunos estavam expressando medo, se afastando dele, foi quando intervimos e perguntamos a todos se Azul estava fazendo algo com eles. Logo responderam que não, com isso explicamos que ele não ia fazer nada com a turma, só estava ali porque também queria brincar juntamente com eles, e assim, após a conversa todos voltaram a desenvolver a proposta da aula. Esse foi o dia que Azul passava e beijava a cabeça de professores e alguns alunos, no qual percebemos por meio das expressões corporais estabelecidas por ele o quanto estava gostando de participar daquele momento.

Para dialogar a respeito do que foi destacado acima, Lima (2010, p. 151) enfatiza que “[...] enquanto sujeitos de um processo participativo, devemos gerar novos fluxos de reflexão sobre o ser humano em suas diferentes interfaces organizacionais”. Deste modo, percebemos a importância de refletir juntamente com nossos alunos a respeito da importância de ressignificar nossos conceitos e valores, buscando assim, o respeito entre todo e qualquer indivíduo.

Lima (2010, p. 151) ainda acrescenta que:

A busca de ações educacionais na perspectiva de uma Educação Física da qual todas as crianças possam participar envolve paradigmas atitudinais e ideais.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

Para tanto, é indispensável ressignificar nossos paradigmas para que a educação possa se concretizar sem preconceitos, não somente relacionados às pessoas com deficiência, mas para todos.

Dessa maneira, enquanto educador temos que dialogar com nossos alunos não somente os ensinamentos a respeito do procedimental, do que fazer, temos também o papel fundamental na construção de valores e atitudes, de modo que todos os educandos participem de forma efetiva nas ações educacionais, seja ele com ou sem deficiência.

O desenvolvimento de Azul nas aulas de Educação Física foi crescendo gradativamente, como também o cuidado dos demais da turma com ele, no qual foram estabelecendo interação em nossas atividades e em sala de aula. Alguns alunos, por exemplo, estabeleceram confiança e respeito com Azul e esses recebiam dele beijos na cabeça.

A nossa última aula do ano foi como se Azul tivesse mostrando o quanto ele aprendeu e construiu saberes durante as aulas de Educação Física, pois ele participou efetivamente e muito ativo de tudo, experimentando diferentes formas de utilizar o bambolê, brincou de tica com os demais alunos, sendo esta uma das atividades que ele gostava. Então, percebemos o quanto ações pedagógicas que busque estimular o educando contribuem na sua formação enquanto sujeitos/cidadãos e ver esse resultado, acompanhando-o durante oito meses, nos fez crescer juntamente com ele, pois buscávamos a sistematização de atividades, almejando sua participação durante a proposta de ensino através de aulas abertas que possibilitasse o seu envolvimento de maneira que considerasse sua subjetividade.

Conclusão

Portanto, através das aulas inclusivas visando a participação de todos, percebemos que por meio do diálogo, do incentivo a participação, da estimulação e das provocações realizadas durante as aulas de Educação Física, contribuímos para o desenvolvimento de Azul, respeitando suas especificidades e acreditando nas suas potencialidades.

Deste modo, Azul nos mostrou o seu crescimento durante o tempo que passamos acompanhando, apresentando gradativamente o envolvimento na proposta de ensino e



aprendizagem, o que nos faz acreditar ainda mais nas possibilidades de uma educação inclusiva.

Além disso, a escola em sua totalidade, considerando a prática pedagógica do professor, tem um papel fundamental para que a educação inclusiva de fato seja vista neste espaço, de maneira que considere as diversidades existentes em nossa sociedade e diante da heterogeneidade é preciso promover diversas formas de aprendizagem, considerando as especificidade de cada educando.

Referências

ARAÚJO, C. M. **A prática docente inclusiva**. In: Múltiplos olhares sobre a inclusão. Martins, L. A. R.; SILVA, L. G. S. (Org.). – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

LIMA, S. M. T. Práticas pedagógicas na educação física para pessoas com necessidades educacionais especiais: algumas possibilidades. In: **Educação física e os desafios da inclusão**. Chicon, J. F.; Rodrigues, G. M. (Org.). – Vitória, ES : EDUFES, 2010.

LIMA, F. J.; LIMA, R. A. F. A educação inclusiva se faz, fazendo: dicas para professores. In: **Múltiplos olhares sobre a inclusão**. Martins, L. A. R.; Silva, L. G. S. (Org.) – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

MACHADO, M. L. S. **Educação e terapia da criança autista**: uma abordagem pela via corporal. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano. – Porto Alegre: UFRGS, 2001.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**. O que é? Por quê? Como fazer?. São Paulo: Moderna, 2006.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. Colaboradores Peres, J. A. S. ... (et al.). – 3ª. Ed. – 9. reimpr. – São Paulo : Atlas, 2008.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi – 2.ed. – Porto Alegre : Bookman, 2001.